

Notas do tempo

AO começar o ano lectivo, após este tempo de Verão especialmente adequado ao estudo dos pedidos de admissão que se nos deparam, ainda não vieram alguns rapazes a quem demos luz verde, porque lhes falta a decisão judicial, atrasada pelas férias.

As novas leis de Protecção e Promoção dos Menores (147/99) e Tutelar Educativa (166/99), agora em aplicação, vêm, com sua rigidez, pôr em evidência a descoordenação e em choque as Entidades a quem compete aplicá-las: Instituto de Reinserção Social, dependente do Ministério da Justiça, e a Segurança Social, como é óbvio, dependente de outro Ministério.

As novas leis (e recorde aqui a superprodução delas referida nestas Notas há quinze dias), nem sequer inovam uma filosofia que não fosse já subjacente e motriz de acção, desde, pelo menos, os quase cinquenta anos que levo nesta vida.

As Tutorias de então, entre os muitos casos que de emergência lhe chegavam, sempre procuraram distinguir aqueles em que a delinquência era já realidade incontornável e os outros em que a probabilidade de lá chegar impunha prontas medidas de prevenção.

Depois, passaram a chamar-se Centros de Observação e Acção Social (COAS) exactamente com o mesmo objectivo e metodologia: Observar e triar para soluções diferentes consoante a gravidade dos problemas. Sempre colaborámos, nós e muitas Instituições de Solidariedade Social, decerto com menos rigidez e intervenção, do que aquela que as novas leis cometem à Segurança Social sem que esta esteja preparada para o acolhimento de tantas crianças e jovens em risco.

Sinal desta descoordenação a experimentámos, justamente este Verão, com três irmãos cujo conhecimento e pedido de ajuda nos foi apresentado pelo pai e pelas Professoras da Escola que frequentavam (de vez em quando...) com as quais combinámos a vinda dos pequenos, logo que terminasse o ano lectivo passado. Quando se ia efectivar esta entrega apareceu a Segurança Social dizendo que não podia ser assim porque os meninos lhes estavam entregues pelo Tribunal. Tudo bem. A operação demorou um pouco mais, mas os rapazes vieram na mesma e já cá

estavam havia algum tempo quando o Tribunal nos pergunta se tínhamos lugar para eles.

Nada de substancialmente novo, pois, nos trazem as leis novas senão duplicação de serviços, onde a simplicidade e a maleabilidade seriam qualidades prestabilíssimas. Felizmente que são muito mais numerosos os casos a pedir prevenção rápida e inteligente do que aqueles em que a delinquência pesa já. Mas para aqueles a penúria de meios é chocante perante «os cerca de trezentos menores agora confiados pelos Tribunais ao IRC e distribuídos por treze centros educativos com capacidade para trezentos e oitenta e cinco lugares. E para essa população o IRC tem ao seu serviço trezentos monitores e oitenta e sete técnicos superiores para além

do correspondente pessoal auxiliar e de segurança. E os quadros vão aumentar pois decorre ainda um concurso para a admissão de mais cento e dez técnicos profissionais». Isto se lê numa reportagem feita e escutada de pessoas responsáveis com nomes citados e publicada no J.N. de 25 de Julho passado.

«Prevenir antes que remediar» é provérbio antigo e indelével. Muito bem que se separem os campos dos que carecem urgentemente de prevenção e dos que já não podem dispensar remédio. Aliás, sempre assim se procurou fazer pela força do bom senso. Que a demasia de leis não complique nem desfoque as atenções do primado do prevenir.

Padre Carlos



Bonito recanto da Casa do Gaiato de Moçambique

SETÚBAL

Fome de Família

TEM sido este um pensamento que nos tem levado a falar e para ele apontar baterias, como a fome maior que trazem consigo os rapazes que fizemos nossos.

Os filhos deixaram de ser um valor para os homens e mulheres desta sociedade em que vivemos. Por tal motivo, desde tenra idade são trocados pelas ilusões que o mundo oferece, ficando caídos no vazio.

Ficamos espantados ao ver como nos chegam os filhos dos Pobres, trocados por quimeras antigas ou modernas, geradas numa sociedade que não conhece a justiça. Trazem marcas profundas em si, de difícil superação.

Não nos admira que aumente a violência e os violentos, à nossa volta. Se o leite materno não traz consigo a tranquilidade e a segurança, bases necessárias para um crescimento humano equilibrado, não nos repugna que os comportamentos agressivos queiram dominar.

Dar-lhes uma família, é aquilo de que precisam. A família é o espírito que une os seres humanos no interesse de uns pelos outros. É esta justiça que temos de lhes fazer, em oposição à injustiça que receberam.

Temos o sentimento de que esta fome se generaliza a toda a sociedade e não apenas aos Pobres. A diferença está em que estes não têm meios para disfarçar a sua necessidade.

Hoje, no Evangelho, Jesus falava-nos da necessidade de O preferirmos aos próprios familiares para sermos Seus discípulos. Com que facilidade hoje se faz isso para seguir outros deuses? Em vez de o homem se abrir à liberdade para o Absoluto, escrive-se no relativo e efêmero.

Continua na página 4

BENGUELA

Construtores da paz

● **TENHO** doze pequenos à espera de entrar em nossa Casa e não vejo lugar para eles. Vão esperar porque não têm para onde ir. As aflições de dentro aumentam com as aflições de fora. Bem podia resolver o problema se o mercado do trabalho estivesse aberto para receber os filhos mais crescidos. Havia, deste modo, circulação de vida nova, que é saudável também. Assim... temos que esperar.

● **ANGOLA** está à espera e não sabe até quando. Os que têm a força das armas falam de guerra. Mas o povo quer a paz. E quem morre é o povo. O vale do Rio Cavaco, onde estamos, estremeceu, há dias. Entretanto, vamos enchendo os campos com semente de milho para matar a fome aos que nos batem à porta. Não nos chegam 200 toneladas por ano. Havemos de as tirar da terra, que de fora não nos vem um grão. Ver os campos cheios de gente, com enxadas nas mãos, é preparar o caminho da paz. Queremos ser, deste modo, construtores da paz. Depois do trabalho no campo vem a alfabetização das mães com seus filhos às costas, enquanto os outros enchem as salas da Escola. São caminhos da paz! Vamos mais além. Ajudamos estas mulheres a libertarem-se dos enganos a que estão sujeitas por parte dos homens que se servem delas e, depois, fogem para parte incerta... Normalmente Luanda, deixando-

-as com os filhos nos braços. Uma delas veio pedir tábuas para o caixão do seu bebé e, com lágrimas nos olhos, prometeu ficar de pé. Outras estão a ser fiéis à sua promessa. Levantam suas casas de adobes; damos-lhes a cobertura e passam a viver com seus filhos, alimentando-se com o pão do trabalho em nossos campos.

● **O CIRENEU** que o quer ser, de verdade, não tem mãos a medir. Comprámos a semente de milho. Perguntam-nos pelo herbicida. Respondemos que está na enxada da gente que trabalha connosco. Bem podíamos fazer de outra maneira. O que está em causa, porém, é dar trabalho. Ele há muita gente que cuida ser a elevação moral de um Povo obra de meia dúzia; e não é assim. Toda a comunidade é chamada a pegar nestas armas para elevar a Nação. Não as armas que matam. Quem dera que os filhos não precisassem mais de ir para a guerra!

● **SABEMOS** que bem pouco podemos fazer sozinhos. Mas damos testemunho da riqueza espiritual e humana das crianças que furam coisas nos mercados, nas camionetas, nas lojas, nas ruas. É preciso não ignorar os valores que levam consigo. Quando entram em nossa Casa trazem as feridas do abandono; e quanto custa curá-las!? Toda a comunidade deve sentir-se comprometida com a elevação moral desta franja social. Deve sofrer por elas. Não pode ficar indiferente ou, simplesmente, numa atitude de repulsa. Sentir e ter consciência desse mal é um primeiro passo a dar para uma sociedade solidária. Quem dera a sociedade angolana crescesse neste sentido! Acontece, porém, que o caos social atingiu tais proporções que,

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO — É funcionário de limpeza pública numa autarquia da Região do Porto.

Aos fins da tarde segue de comboio, por aí abaixo, recolher o lixo das metrópoles, grande parte da sociedade de consumo... Toda a noite, até ao alvorecer.

No regresso a casa, após dormir o suficiente, entrega-se muito seriamente à construção da sua casa. Obra feita com esmero e muita economia, também.

Já lhe tínhamos entregue um «pequeno auxílio» para a autoconstrução do prédio. Agora, porém, quase no fim da obra feita como um herói, procura acabar um pouco por suas próprias mãos, instalar o motor, a instalação eléctrica, etc.

— *Eu já não posso mais...!*, afirma com amargura. *Se fosse possível outra ajudinha para tudo isto...!* Maneira delicadíssima de pedir o inevitável!

Esta gente trabalha no duro. Merece tudo de todos. Até porque o seu salário é naturalmente baixo. Não se faz ideia de como é possível os Autoconstrutores conseguirem tão grandes milagres!

Entregámos em suas mãos calejadas mais um óbolo para ter a preciosa água de consumo em casa, que brota do seio da terra, no seio dum monte, qual lugar aprazível e saudável.

VOZ DO PAPA — «Os Direitos do Homem são o fundamento do reconhecimento do ser humano e da unidade social. Cabe, em primeiro lugar, às instituições públicas garantir uma protecção eficaz dos direitos que promanam imediatamente da sua dignidade de pessoa, e que são, por isso mesmo, direitos universais, invioláveis e inalienáveis. Entre estes direitos, o direito à existência e ao respeito da vida é primordial, bem como o apoio à família, célula básica da sociedade. O prolongamento da vida exige que seja dada uma atenção especial às pessoas idosas, para que possam viver em condições decentes e beneficiar, até ao termo natural da sua existência, dos cuidados e da assistência necessários. Com efeito, como podem os indivíduos no seio duma nação ter confiança uns nos outros, se não lhes é garantido o bem mais precioso de cada um, a sua própria vida, que não pode ser submetida unicamente a critérios de eficácia e de rentabilidade, ou a decisões meramente arbitrárias?

Recordei, várias vezes, que o primeiro dos Direitos do Homem é a liberdade religiosa, no sentido pleno do termo. Isto significa uma liberdade que não se limite unicamente à esfera privada. Esta

liberdade supõe da parte das Autoridades e de toda a comunidade internacional, sobretudo, da escola e dos media, que têm uma importante função na formação da opinião; uma vontade expressa de deixar às pessoas e às instituições a possibilidade de desenvolver a sua vida religiosa; de transmitir as suas crenças e valores; e de serem uma parte activa nos diferentes âmbitos da vida social e na colectividade, sem serem excluídos por motivos religiosos ou filosóficos, salvaguardando as regras do Estado de direito. Injuriar as crenças religiosas, desacreditar determinadas formas de prática religiosa e os valores dos quais um grande número de pessoas são portadoras, danifica gravemente os indivíduos que os professam, constitui uma forma de exclusão contrária ao respeito dos valores humanos fundamentais.

Por conseguinte, encorajo quantos têm responsabilidades na sociedade a continuar a vigiar sobre o respeito das liberdades individuais. Convido sobretudo os mass media a uma vigilância renovada neste âmbito e a tratar, de maneira equitativa e objectiva, as diferentes confissões religiosas.»

PARTILHA — Leitora de Areia, Vila do Conde, envia «mais uma pequena ajuda para a farmácia dos mais necessitados. É com muito gosto que o faço, e com um grande abraço amigo», que retribuimos na mesma proporção.

Assinante 14493, do Porto, presente «no que nos é possível, enquanto é possível. Por isso, aqui vai a tal 'migalhinha' do mês em curso para juntar a outras que Deus quer que se juntem — para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Catorze mil, de Paiva, com a generosidade de sempre, expedidos por vale do correio de uma estação postal do Porto.

O assinante 66369, de Mato-

sinhos, manda um cheque para «O GAIATO e o resto fica ao vosso dispor — para os vossos Pobres».

E mais um, da assinante 31104, de Lisboa, com as habituais indicações: «com todo o amor e por alma dos meus entes queridos, desejando que a oferta seja um alívio necessário, correspondente ao que sinto na minha alma».

Assinante 69546, de Estarreja, «envia pequeno donativo para um doente. Deus vos abençoe, e em especial quem sofre».

A nota sobre o doente incurável, publicada na edição de 25 de Agosto, repercutiu-se na alma dos Leitores. E alguns acudiram de coração nas mãos: os assinantes 31855, de Vila Franca de Xira; 11345, de Rio Tinto; 24801, da Cidade do Porto; 23855, de Vila Nova de Famalicão; e 4728, de Lisboa. Esta samaritana, que tomou conhecimento «do caso dramático daquela família que muito tem sofrido — como todas as que referimos — está presente para aliviar as dívidas contraídas, tentando ajudar (a família Pobre) a libertar-se dos encargos assumidos e, deste modo, não se verem obrigados a vender a casa que, como dizem, tanto lhes custou a pagar».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, *alé do Jornal O GAIATO*, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Começaram novas obras no rés-do-chão para que os rapazes dessa zona se sintam mais confortáveis. Depois será a vez do primeiro andar.



Jogam o berlinde com calma

AGRICULTURA — Já apanhámos a cebola e preparamos a colheita do milho, ao qual já foi cortada a ponta e retirada a folha que servirá de pasto para o gado, no Inverno.

ESCOLA — As aulas estão quase a começar. Os rapazes ansiosos por isso. Esperemos que este ano lectivo corra melhor que o anterior.

PRAIA — As férias estão quase no fim. Os rapazes já regressaram da praia, onde passaram as suas férias de longa ou pouca duração, conforme a sua idade e merecimento. Alguns regressaram bronzeados, outros nem por isso. Aqueles que estavam castigados ainda foram passar a última semana à praia, só para sentir o cheiro do mar e trabalhar para o bronzado. Queremos, por fim, agradecer a todas as pessoas que nos visitaram em nossa colónia de férias e que partilharam connosco a sua amizade e carinho. Obrigado!

VISITAS — Aqui, em Miranda do Corvo não temos recebido muitas, ultimamente. Mas, quem nos quiser visitar, faça o favor de saber: as nossas portas estão sempre abertas para os receber.

Ângelo

TOJAL

CASAMENTO — Alegria para o nosso Padre Cristóvão e todos os gaiatos. O rapaz que cresceu em nossa Casa, como todos os gaiatos, hoje, deixa o seu lar, para construir uma nova família.

Os colegas participaram na celebração da Eucaristia, e desejamos felicidades para a nova família.

ANTIGOS GAIATOS — O grupo de antigo gaiatos malanginos esteve reunido connosco. Celebrámos a Eucaristia, almoçámos e passámos com eles o resto do dia.

Foi um dia muito alegre!

DESEJO DE CATIVAR — A minha vida e um pedacinho do amor que me dás, ainda que seja só por uns momentos. O meu coração agradece profundamente o silêncio do teu olhar, a disponibilidade que dispões para me acarinhares.

Na verdade, o que eu quero mesmo de ti, é o teu amor e o desejo de o cativar, pois necessito de quem me acompanhe nos meus momentos tristes e alegres.

Deixe-se cativar, peço! Para que as flores do jardim possam crescer com dignidade, é necessário amor.

Os «Batatinhas» também precisam de amor e carinho para aprenderem a sorrir e a sonhar com o dia de amanhã.

O amor é preciso!

Abílio Pequeno



A vaquinha que eles tratam e com quem brincam. O Rui e o Mário Paulo.

SETÚBAL

SILAGEM — Tivemos vários problemas com a máquina de cortar o milho. Agora, os rapazes dão o seu melhor para que se recupere o tempo perdido. Já se encheram dois silos para que as vacas tenham que comer todo o ano.

VACARIA — Este mês já nasceram quatro vitelos, por isso, temos o viteleiro cheio.

GALINHEIRO — Ofereceram-nos uma centena de pintos. Um grupo de rapazes tem andado a cortar e a debulhar espigas para alimentar as aves que agora enchem o nosso galinheiro. Junto com eles está uma ovelha que também nos ofere-

ceram, aguardando por companheiros da mesma espécie.

DESPORTO — Já decorrem os primeiros treinos. O pessoal está motivado. O Evelísio e o Fernando «Cocas», à frente da equipa, têm motivado os atletas para lutarem até ao fim por um lugar na equipa. Quem estiver interessado em jogar connosco, contacte-nos pelo telefone 265 501 227.

ESCOLA — Começou um novo ano escolar. É preciso que cada um se aplique e ajude os outros, para que tenhamos bom aproveitamento ao longo do ano.

CARAS NOVAS — Acolhemos três irmãos vindos da Damaia. São o Danilo, o Júnior e o Hernâni. Esperemos que se sintam felizes connosco.

Um cronista

BENGUELA

VISITAS — Estiveram connosco alguns escuteiros, com os quais trocámos experiências, e foi uma boa ocasião porque puderam estar com os nossos. Oxalá venham mais vezes porque a nossa Casa é mesmo para isso. Por isso é que tem um ambiente agradável e diferente da cidade, próprio para uma boa reflexão.

DESPORTO — Os nossos últimos jogos não têm terminado bem porque há sempre confusão. Por vezes o árbitro falha e, desta falha, surge um golo, e surgem as contrariedades entre o árbitro e o seu companheiro, o árbitro auxiliar, e contrariedades entre as duas equipas. Por isso, os homens da Direcção optaram que esses mesmos jogos se repetissem. Oxalá que corram bem esses

mesmos jogos, que poderão levar-nos a ganhar o título de campeões.

OBRAS — O nosso cruzeiro tem uma outra imagem porque as coisas, agora, estão a ir prà frente. E, dentro em breve, teremos uma lindíssima cruz. Simboliza que a nossa Casa nasceu de um projecto divino e é uma Obra cristã. Também está em obra um parque infantil, lugar onde as crianças se poderão divertir. Um parque infantil é uma coisa muito necessária porque é capaz de operar maravilhas no desenvolvimento psíquico e físico de uma criança. O seu objectivo não é só educar os que são da Casa, mas também os que se encontram em seu redor.

CAMPO — Já se faz a plantação do milho. Esperamos que se desenvolva bem e dê uma

Benguela

Continuação da página 1

talvez, se pense que pouco ou nada é possível fazer. Não pode ser assim. Às Organizações estrangeiras cabe o papel de ajudar. A sociedade civil angolana deve tomar a dianteira com as forças que tem, no campo da partilha. Caminhará, deste modo, para a maturidade que lhe granjeará o prestígio e o respeito que deve ter.

• TEMOS experimentado o carinho que nos chega de todos os lados. Não o guardamos. Investimos em tudo o que possa ajudar as pessoas a sair da dependência total em que vivem. Vamos aonde podemos ir. Um pormenor que está a aparecer frequentemente é o da renda de casa excessiva. São casas muito simples. A solução está em ter casa própria. Ajudamos e as pessoas ficam mais livres. Caminhamos com o povo e os seus filhos.

Padre Manuel António



O nosso refeitório, a nossa carrinha e o depósito da água, ex-libris desta Casa do Gaiato.

COM os estudantes do décimo ano ao décimo segundo temos andado a «desmatar» a mata; isto é: cortar as silvas e outras plantas daninhas que encobrem os castanheiros ainda tenros e baixos prejudicando o seu desenvolvimento.

No terreno inclinado e perigoso fizeram-se socacos para os plantar e eles seguem-se, morro acima, em escada, quase todos escondidos debaixo da selva rasteira.

É difícil e ingrata esta tarefa.

boa colheita. É muito necessário que dele extraíam-se a farinha de milho para nossa alimentação, dos trabalhadores e dos pobres que vêm bater à nossa porta.

CACIMBO — Está a passar o tempo do cacimbo e assim já poderemos ir à praia e divertir-nos muito, e pescar, e recordar aqueles grandes mergulhos.

M.S.A.

Tempo diferente!

Sei que estás de férias!
Leio no teu rosto sorridente
Que vives contente
O teu tempo diferente
Em boas condições térmicas!

O Verão espreita-te
Através da tua janela.
Não estás só! Não te deitas.
Estás inquieta!...

Separam-nos as horas
De dúvidas filosóficas.
Quando nos consomem
As dúvidas,
Cantamos então
Uma canção
De ternura!

Manuel Amândio

MOMENTOS

As minhas fichas

Os rapazes «armados» de foices, enxadas e forquilha lá andaram uma semana inteira, arranhando-se aqui e ali, por vezes a escorrer suor, dominados pela alegria de libertar as pequenas árvores.

Foram momentos felizes os que passei com eles. Trabalhar com os rapazes é, para mim, ainda a melhor forma de os conhecer. Ali faço as minhas fichas, inculco os meus juízos e afino impressões. Conheço-os e eles conhecem-me. O trabalho poderia ser feito de outro modo. Uma monda química, embora também de difícil aplicação, talvez resolvesse em parte o pro-

blema, mas esta dúzia de rapazes perderia a oportunidade de colher e dar uma alegria tão saborosa.

Nada como a Natureza para nos apresentar lições.

Os espesso e pujante matagal submergia completamente as plantas raquíticas.

— Olhem rapazes — explicava-lhes eu — o que sucede aqui com os castanheiros acontece também connosco. Se não nos «pomos a pau» com os nossos defeitos e nos enchemos de vícios, verifica-se a mesma situação. Enfezamo-nos interiormente. Os nossos bons sentimentos e o nosso ideal confundem-se com a perversidade; e o homem novo e robusto que

todos somos chamados a ser, morre sufocado, sem darmos por isso.

Precisamos da luz do Sol que é Deus e da sua Palavra. Sem esta e Aquele corremos o risco de nos afogarmos na mediocridade.

Mas? Onde é que a gente vê um grupo de estudantes desta idade e neste grau de ensino, agarrados a toscas e ultrapassadas ferramentas? — Onde?

Também aqui a Casa do Gaiato é pioneira.

Hábitos de trabalho para quem é pobre transformam-se sempre no melhor dote, pois a «ociosidade continua a ser mãe de todos os vícios».

Padre Acílio

DOCTRINA

Num café



NÓS tínhamos andado um dia inteiro na cidade do Porto a tratar de coisas da nossa Aldeia. Saíramos de Casa com uma pequena bucha e àquela hora, cinco da tarde, deu-nos a fome. Entrámos num café, cansados e contentes. Pedi dois copos de leite e dois pães; dois quinhões para dois. Quando estávamos no melhor da festa, abeira-se da nossa mesa um cava-lheiro de porte irrepreensível, ar de bondade e uma grande pérola na gravata. Sentou-se. Abriu conversa: — *Você leva uma vida desgraçada, Padre! Se houver no mundo algum pirata que não compreenda a Obra da Rua, não faça caso e marche sempre.*

O meu pequenino companheiro ia sorvendo o leite a largos tragos e eu fazia da mesma sorte. O apetite com que estávamos à mesa, prendia toda a nossa atenção. O estranho senhor dá um jeito, coloca-se mais à mesa e prossegue: — *Sabe, Padre, a minha mulher já rouba. Os fatos dos meus filhos que enchiam as gavetas dos nossos armários, foram todos para a sua Aldeia e eu ando agora extremamente cauteloso, não vá ela tentar contra as minhas algibeiras!* O meu pequenino companheiro trazia justamente no corpo um fato muito fidalgo, que lhe ficava mesmo a matar, e em observei que talvez ali estivesse uma parte do roubo de que ele se queixava!

OS copos de leite estavam no fundo. O senhor desconhecido quis mandar repetir; não aceitámos. O ponteiro do relógio disse-nos que o comboio ia partir: levantámo-nos da mesa. Estava ali um ror de gente: era justamente a hora indolente do café. — Olhe, meu senhor; não sei quem V. é, nem pergunto. Agradecemos os dois copos de leite. Se a sua mulher já pratica desses roubos, é indício de que está a chegar à perfeição. Os Moralistas podem não ser da minha opinião, mas eu cá digo que quem rouba por amor, não me parece cometer grande pecado. Mais peca quem guarda por sovínice. A plenitude da Lei está no amor.

E assim nos despedimos, cada mocho para seu poiso.

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

Uma carta

Ho emitir o cheque que quero pensei na
quela família que se encontra empenhada
pelas grandes despesas originadas pela fe-
bre da doença que ~~se~~ atingiu. E todas as
portas se lhe fecharam!!! Passado a hora
de ter lido este caso no "Famozo", a "Comu-
nicção Social infama que um fogado,
Fardel, vai ingressar no S.C.P. auferin-
do mensalmente a monstruosa soma de
30.000 euros. Com esta alienada socieda-
de dá para entender porque é que Jesus
Cristo suor sangue no Getsémani, pela
minha fé, penso que o nosso bom Deus
permite tudo isto para santificar os que
padecem pelo infortunio e os que padecem
pa amor.

Malanje

4/8/2001

Sanzala de Quissonde

CELEBREI Missa vespertina na sanzala de Quissonde. Há muito que não tinham. Receberam-me com um cântico bailado e um aperto de mão. Entrei na Capela em ritmo de festa.

A Capela é de adobes com telhado de bambu e capim. Bonitos os bambus!

Enquanto preparo o altar de barro seco ao sol — para trono do Rei, foi-se-me o olhar pela nesga da porta para o aceno das palmeiras.

A seguir, a Eucaristia, sempre vivida no ritmo ondulante dos cânticos.

Homilia: Catequese das crianças? Catequista chefe falou que não tem vindo por culpa dos pais e das mães, pois, o coração deles está duro como as pedras. Forte!

Um cãozinho deitou-se a meus pés e ficou coçando as pulgas... Não consta que o Senhor tenha expulsado os cães das sinagogas; somente, os vendilhões. Não sei o que Ele faria, hoje, nalgumas capelinhas bem chiques e doiradas...

O rio Malanje fica-nos a cem metros. Que o catequista me perdoe. Sei que os corações destes pais e mães não são tão duros como as pedras do rio.

10/8/2001

Pequeno-almoço

EM todas as manhãs no ritual do pequeno-almoço, sempre, a travessa de soja à minha espera. Ponho uma colher de mel e vai uma porção: Sabe a porções de navio, sabe a mar, a mofo, a carrocerias de camiões, sabe a um resto que caiu das mesas ricas, tem a marca de sobras nos grandes armazéns dos países poderosos e traz nos sacos o sinal de ajuda aos países pobres.

Obrigado, todas as manhãs, apesar do gosto a sabão...

Se um dia, meu Deus!, os grandes do mundo misturam um pozinho maléfico nesta farinha milagrosa, ficarão libertos todos os carreiros das matas a caminho das pedras preciosas.

O brilho sedutor das pedras!

«Meu Deus!, não diga tão grande barba-ridade...»

Pois, tão maléfico como matar e mutilar inocentes, com minas traícoiras e os países industrializados o fazem.

Ao almoço, o velho pirão! Farinha de milho em sacos de ráfia, dezenas de vezes baldeados de barco a barco, de carro a carro.

Nem todos a comem, mas, muito longe de chegar a todas as bocas.

— *Só um quilo de farinha!*, — pedem. E vão felizes!

Mentalmente, faço o sinal da Cruz sobre todos os porões de navios!

História dum menino

ERA uma vez... E a história acabava sempre num príncipe ou princesa encantados que, no desencanto, ficavam felizes.

Hoje, foi um menino de treze anos que mergulhou, e eu com ele, no desencanto: Os pais morreram e a guerra separou-os do resto dos parentes.

Veio para Luanda num grupo de refugiados com dois irmãos mais pequenos (pai de família!) e começou a fazer o seu negócio de vendedor de rua.

Vermelho... Os carros param e ele oferece — um a um — os seus produtos. Hoje eram maçãs rosadas, bonitas, no saco transparente.

Vamos comprar todas as maçãs e encher um saco e outro saco para que este menino — pai de família — fique feliz!

Mas os carros sucedem-se e o saco, sempre cheio, a reluzir ao sol...

Velhinho magro

O velhinho, muito magro, chegou ao contentor do lixo e, para chegar ao fundo, debruçou-se. Com as pernas no ar pareceu-me um boneco de trapos. Vi-o remexer com afinco. Ele dorme numa barrquinha do bairro e, todos os dias, faz a sua ronda pelos contentores do lixo. O trabalhador merece o seu salário! Este, porém, é muito triste.

Rapazinho mestiço

O menino engraixador, na sombra duma árvore, acenou-me e eu que sim.

Atada ao tronco, uma barraquilha de cartões e panos velhos e rotos...

— Dormes aqui?

— *Não, é dum maluquito que foi por água para cozer os feijões.*

Pelos buracos vi o feijão num prato.

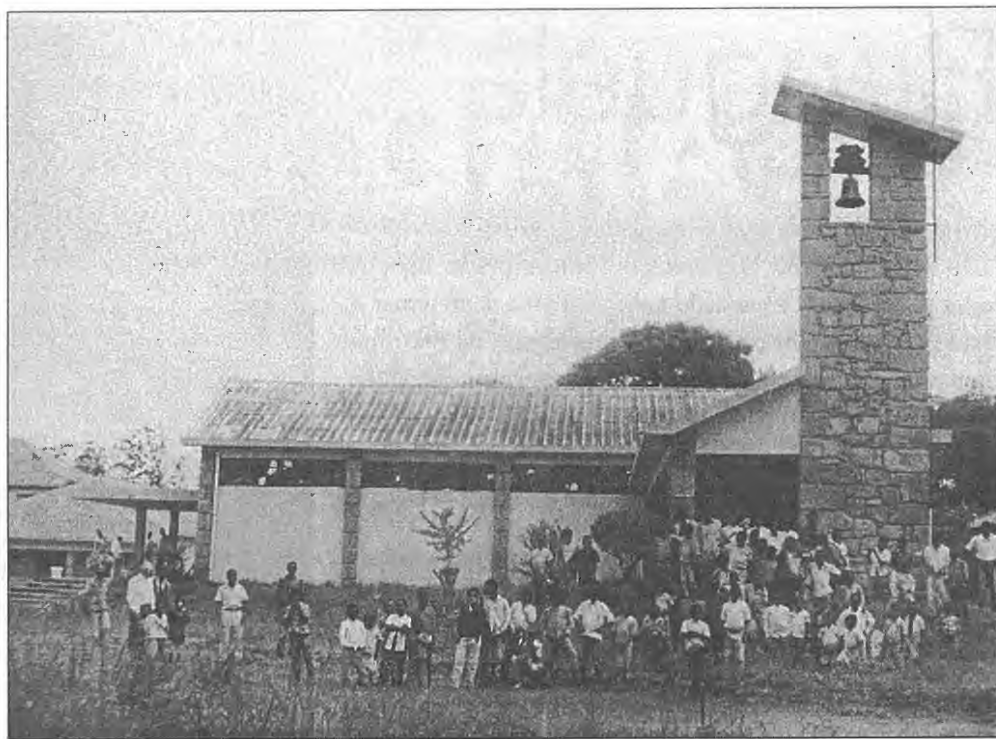
— *Já vem além!* — acrescentou.

Um rapazinho mestiço, de olhar vazio, cabelos em reboliço e muito magro. Pôs a água num tacho e despejou os feijões.

Comprei o jornal. Primeira página e primeira notícia: Angola recebe plataforma de um bilião de dólares. Megaplataforma Girassol. Tem capacidade para tratamento de petróleo — 200 mil barris/dia.

E, passeio adiante, sigo, lendo outras notícias do dia.

Padre Telmo



Capela da Casa do Gaiato de Malanje (Angola)

DEPOIS de um longo período de férias escolares, aí vem de novo um ano escolar. Os miúdos estão ansiosos. É natural. A Escola é espaço de grandes descobertas e amizades. Quanto a nós, altura de preocupação, mas também de esperança. É o futuro dos nossos que está em causa. Há dificuldades. São muitas as marcas negativas que alguns trazem consigo. Dificuldades por que passaram e ainda os perturbam. Mudança de idade e imitação dos padrões de referência dominantes nem sempre positivas. É um esforço constante de atenção e de aviso. Alguns não gostam da Escola. Sentem-se

TRIBUNA DE COIMBRA

Escola

desfasados na idade e no aproveitamento, apesar de todos os esforços de integração em turmas especiais. Os currículos alternativos têm sido uma solução para alguns; uma solução, às vezes, demasiado fácil... Há dias, desloquei-me à Conservatória do Registo Civil para tirar o Bilhete de Identidade de um grupo deles. Vi, com alguma tristeza, como alguns ainda escrevem o seu próprio nome com erros orto-

gráficos — rapazes já com catorze anos. Dificuldades, desinteresse, desmotivação. Ao longo do ano fui à Escola porque um ou outro dava problemas. Os professores, com grande estima pelos gaiatos, esperavam mais. Um dia, um director de turma vendo-me triste, disse: — *Ó Padre João, quem me dera que todos fossem como os seus...* Fiquei contente. Os nossos e os filhos dos outros... A Escola é para muitos dos miúdos um lugar onde encontram o sorriso, a palavra amiga que muitas vezes lhes falta em casa. A família, como sabemos, vive muito alheada da Escola. O ano passado certa directora de turma mostrou-me um monte de cartas registadas que tinha enviado a convocar os encarregados de educação que nunca compareceram. Há quem afirme que à Escola não competem funções de família. São campos distintos, é certo. Mas onde é que alguns miúdos encontram a palavra amiga que não encontram na família? Felizmente que há sempre gente disponível para acolher, conversar e aconselhar. Mas temos de reconhecer, são precisos mais meios humanos e técnicos. A educação, ouvimo-lo dizer, seria a paixão dos nossos governantes, e muito bem; mas que o seja de verdade, sem cortes orçamentais. Poupe-se noutras coisas que sejam tidas por menos importantes, que as há, como sabemos.

No princípio de novo ano escolar saibamos todos estar à altura das nossas funções: alunos, professores, pais e a comunidade humana envolvente, comércio e espaços de lazer (casas de jogo). A colaboração de todos é indispensável. Numa área tão sensível como a da educação, é o futuro de todos nós que está em causa. A melhor das causas.

CALVÁRIO

Migalhas

A nossa vida é tão rasteirinha que não dá para grandes elaborações intelectuais ou académicas.

Vejam lá onde tombou hoje o meu pensamento: naquilo que se esfarela do pão.

Ao passar pela cozinha vejo a Maria, atarefada, apanhando as migalhas do pão que acabara de partir para as mesas.

— Onde vais deitá-las?

— *Na passareira. São para as rolas.*

Digo para os meus botões: ora aqui está o retrato do homem moderno — aquele que vai dando, e às vezes só, migalhas ao semelhante.

Mas aquilo que todos podem dar, ricos ou pobres, sábios ou ignorantes, poderosos ou fracos, adultos ou crianças; aquilo que mais custa a dar e que menos se dá é a própria pessoa. No entanto, é precisamente esta que Deus pede a cada um. Tudo o mais pouco Lhe importa, porque, não sendo a própria pessoa, tudo são migalhas, ainda que servidas em bandejas de prata. E Deus não se contenta com migalhas como os pássaros.

Ora, normalmente ficamos pelos restos do nosso viver. O viver todo, dado e consumido ao serviço das causas do Reino, não é comum nem vulgar nos tempos que correm.

No entanto, é esta a exigência do Amor, feito homem em Cristo, que disse não haver maior prova de amor do que dando a vida, como Ele próprio a deu na cruz.

Meias tintas não se encontram no Evangelho. E se se vai pelo caminho da facilidade ou da contemporização, então descaracteriza-se o Evangelho que é Boa Nova.

Amar é dar-se. Se nos damos é porque amamos. E se nos damos totalmente então amamos como ninguém, como Cristo. «Quem perde a vida encontra-a.» Mas não querendo perdê-la dificilmente a viremos encontrar.

A Maria lá vai em direcção às rolas. E eu fico a pensar no homem de hoje, também ele distribuindo pelos outros as migalhas do seu viver.

Padre Baptista

Continuação da página 1

Vejo com pena estes pais e estas mães que rejeitam os seus filhos. As razões concretas são diversas, mas o drama resultante é sempre o mesmo.

Ainda há pouco veio até nós uma mãe com o seu filho, dizendo insistentemente: «Ele é incorrigível, ele só sabe destruir, ele... ele...». Atirava pedras ao inocente que gerara — na sua presença. O pequeno olhava para ela, de olhar tolerante, não deixando de lhe chamar mãe e de lhe lembrar coisas certamente lindas para a compensar. Neste quadro, vi muitas causas justificativas para as cenas que se desenrolavam, e a maior de todas elas — a mãe a sacudir o filho! Ela a querer trocar a sua verdadeira riqueza pelo que nada vale.

Setúbal

Fiquei triste. Não admira que neste primeiro ano em que o pequeno frequentou a Escola, tenha levantado tantos problemas aos colegas e professores!

Ela vinha para que o acolhêssemos. Que fazer? Que futuro para este rapazito que a mãe não assume e com o pai a viver longe? Somos para os rejeitados. Mas se o núme-

ro deles é cada vez maior?!

É preciso pregar a família. Perder o medo aos preconceitos que esta sociedade acerca dela gerou e pelos quais vai impondo os seus modelos de vida.

É preciso que renegando os próprios familiares a conselho de Jesus, se exalte a Família.

Padre Júlio

PENSAMENTO

A gente aprende a bater às portas ricas, por muito entrar nas dos Pobres.

PAI AMÉRICO